

“Maputo” de cócoras perante a África do Sul

O jornal britânico, «The Economist», refere-se na sua última edição, a Moçambique. Transcrevemos parte da análise do jornal londrino, que confirma algumas das informações que aqui temos dado. Parece pertinente, no entanto, fazer uma correcção à apreciação do problema de Cabora-Bassa: de acordo com a Resistência, a energia não chegará à África do Sul, enquanto o actual regime de Lisboa não entrar em negociações com aquele movimento, que domina largas zonas de Moçambique e prossegue a operação de estrangulamento à antiga Lourenço Marques:

«Pouco mais de dois meses após a assinatura do Acordo de Incomati com a África do Sul, Moçambique sente-se lesado. Expulsos cerca de 800 membros do Congresso Nacional Africano (ANC), movimento negro anti-«apartheid» e reduziu a dez o número de pessoas na sede do movimento em Maputo. No entanto, a Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO) intensificou as suas actividades, desde a assinatura do acordo em 16 de Março. A RENAMO estendeu as suas operações a duas novas províncias, Maputo no sul, e Nampula, no norte, e ameaça isolar a própria capital. Apenas o distrito de Cabo Delgado, junto à fronteira com a Tanzânia, continuou calmo».

«Não há dúvidas de que os rebeldes moçambicanos continuam a receber assistência e apoio do exterior. Muitas pessoas em Maputo suspeitam de agentes que vivem na África do Sul. Outros afirmam que certos elementos das forças armadas sul-africanas têm relutância em abandonar os seus amigos da RNM. «Não suspeitamos do governo da África do Sul» — declarou um alto funcionário, que acrescentou: «No entanto, ao «criar» estes bandidos, a África do Sul criou algo que agora tem dificuldade em controlar».

OS BONS VELHOS TEMPOS DO «DOMÍNIO» PORTUGUÊS

«A relutância de Moçambique em acusar a África do Sul de não cumprir os termos do acordo reflecte os seus receios. Encontra-se em péssima situação económica e considera a África do Sul a fonte mais provável de socorro. Um novo acordo, negociado em Março para o for-

necimento à África do Sul de energia da barragem de Cabora Bassa, dará a Moçambique mais onze milhões de libras no corrente ano».

«Maputo espera agora novos acordos e para os obter está mesmo na disposição de pôr de lado o seu desagrado pela política sul-africana do «apartheid» e amaciar o seu próprio sistema marxista-leninista».

«Maputo, que é o porto mais próxima da região altamente industrializada do Witwatersrand manuseava sete milhões de toneladas de carga por ano quando o território estava sob domínio português. Com a independência e o aparecimento de um regime fortemente oposto ao regime de Pretória sob a ditadura do presidente Samora Machel, a África do Sul reduziu grandemente a utilização do porto de Maputo. No ano passado passaram apenas 1,1 milhões de toneladas de mercadorias sul-africanas e o maior porto da África Negra viu o seu trabalho reduzido a menos de 30 por cento da sua capacidade».

O «ESPIRITO» DO... INCOMATI

«Moçambique conta com o «Espírito de Incomati» para restabelecer o tráfego de Maputo de modo a atingir os níveis

de antes da independência. Espera ainda conseguir mais do acordo, tal como duplicar o número de moçambicanos que trabalham nas minas de carvão e ouro da África do Sul. Os sul-africanos costumavam utilizar 120 mil moçambicanos, mas este número está agora reduzido a 40 mil. Após a independência a África do Sul denunciou o acordo que mantinha com os portugueses no termo dos quais 60 por cento dos salários era transferido para Portugal sob a forma de ouro, ao preço oficial de 42 dólares a onça. Portugal conseguiu grandes lucros vendendo o ouro no mercado livre a um preço muito mais elevado. Moçambique gostaria de ver criado um sistema semelhante».

«Nos «velhos tempos» 500 mil sul-africanos invadiam todos os anos as praias moçambicanas do Índico, deixando atrás 14 milhões de rands. Maputo deseja reviver a indústria do turismo, mas isto apenas será possível de conseguir eliminar os guerrilheiros da RNM, restaurar as instalações totalmente, reparar os guindastes dos portos e muitas coisas mais. Já se ouve o «africano» misturado com o russo nos corredores do Hotel Polana».

«Moçambique espera muito do seu vizinho sul-africano. Não estará a esperar demais?».